Leña menuda
Autor:
Marta Barrio

A interrupção da gravidez atravessa questões legais, religiosas, éticas, de saúde, mas também psicológicas e pessoais – sendo estas as mais negligenciadas, ao longo do tempo e nos mais diversos lugares.

É possível encontrar, na literatura, situações e reflexões relacionadas ao aborto que põem o dedo na ferida, expondo os conflitos silenciados e as histórias não contadas.

Leña menuda é o relato reflexivo, angustiado e cortante da decisão sobre a interrupção da gravidez, seus desdobramentos e consequências, atravessado por textos literários e outros, pela legislação e pela religião, na escrita íntima do diário.

A identificação das personagens pelas iniciais alude à censura que paira sobre o tema e sua criminalização. A vida particular da protagonista entre os conflitos da mãe, da avó e da madrasta também relacionados à maternidade, em contraste com a prima da mesma idade, que segue caminho diverso, evidencia as expectativas e frustrações que permeiam o universo feminino: a aparência, a carreira, a realização pessoal, o casamento e o julgamento da sociedade.

A personagem espanhola dirige-se à Bélgica para realizar um aborto, ao descobrir que o feto tinha deformações congênitas. Impedida de realizá-lo em seu país natal, Espanha, expõe os conflitos entre o estado e a Igreja, a questão socioeconômica e as questões familiares que dificultam à mulher decidir sobre seu próprio corpo, até mesmo quando não é só sua vida que está em jogo, mas também o futuro da criança e dos que a cercam.

Entre a desinformação e o autoconhecimento, a tortura psicológica e as expectativas da sociedade, o corpo se transforma e reage ao desenvolvimento ou à ausência do feto, revelando as consequências da gravidez e de sua interrupção, tornando explícito o que se quer silenciar: o que se preserva com a proibição do aborto? Qual é a vida que se defende? Em outras palavras, “¿Qué hay del derecho a controlar el propio cuerpo, o el propio destino?” (p. 85).

As figuras masculinas que circundam a protagonista – seu marido e seu pai – se revelam impotentes, ou com as emoções reprimidas: “Me habría gustado ver llorar a A., pero no sabía si era capaz. Me preguntaba qué les hacían a los niños para conseguir suprimir su llanto en la edad adulta, si les extirparían las glándulas lacrimales o si todo consistía en una represión feroz de los sentimientos” (p. 61).

Em seu romance – ganhador do Prêmio Tusquets –, Marta Barrios dialoga com Marguerite Yourcenar, Marguerite Duras, Annie Ernoux e com tantos casos que circulam na imprensa internacional todos os dias, que expõem histórias dolorosas, que superam qualquer ficção.

Estruturado como um diário, o livro inclui também notas de rodapé, fichas hospitalares, verbetes de

dicionário, epígrafes e citações de autores diversos, revelando a escrita em progresso, o registro quase imediato dos fatos, a escrita íntima, que registra as oscilações, os dramas, as confissões, visceralmente vividos e narrados:

Este relato que yo empecé como un cuaderno de bitácora de la gestación se ha convertido, a mi pesar, en otra cosa: en un libro de duelo, testimonio de la interrupción de mi embarazo. Mi matriz será de tinta y de papel, y no de carne, mi hijo un personaje imaginario que vivirá entre las páginas de un libro. Este giro narrativo no estaba en el guión (p. 166).

O livro revela como o tema do aborto atravessa tempos, fronteiras, legislações, textos literários e evidencia a questão sobre qual vida se quer preservar diante das restrições ainda impostas à sua realização, frente à desinformação, ao conservadorismo e às distorções que o envolvem. A interioridade feminina pouco revelada nos casos que vêm a público é posta a nu nesta narrativa, com uma discussão sempre presente, muito atual e cada vez mais longe do consenso, no contexto das polarizações e da discussão rasa que às vezes se impõe em pleno século XXI.